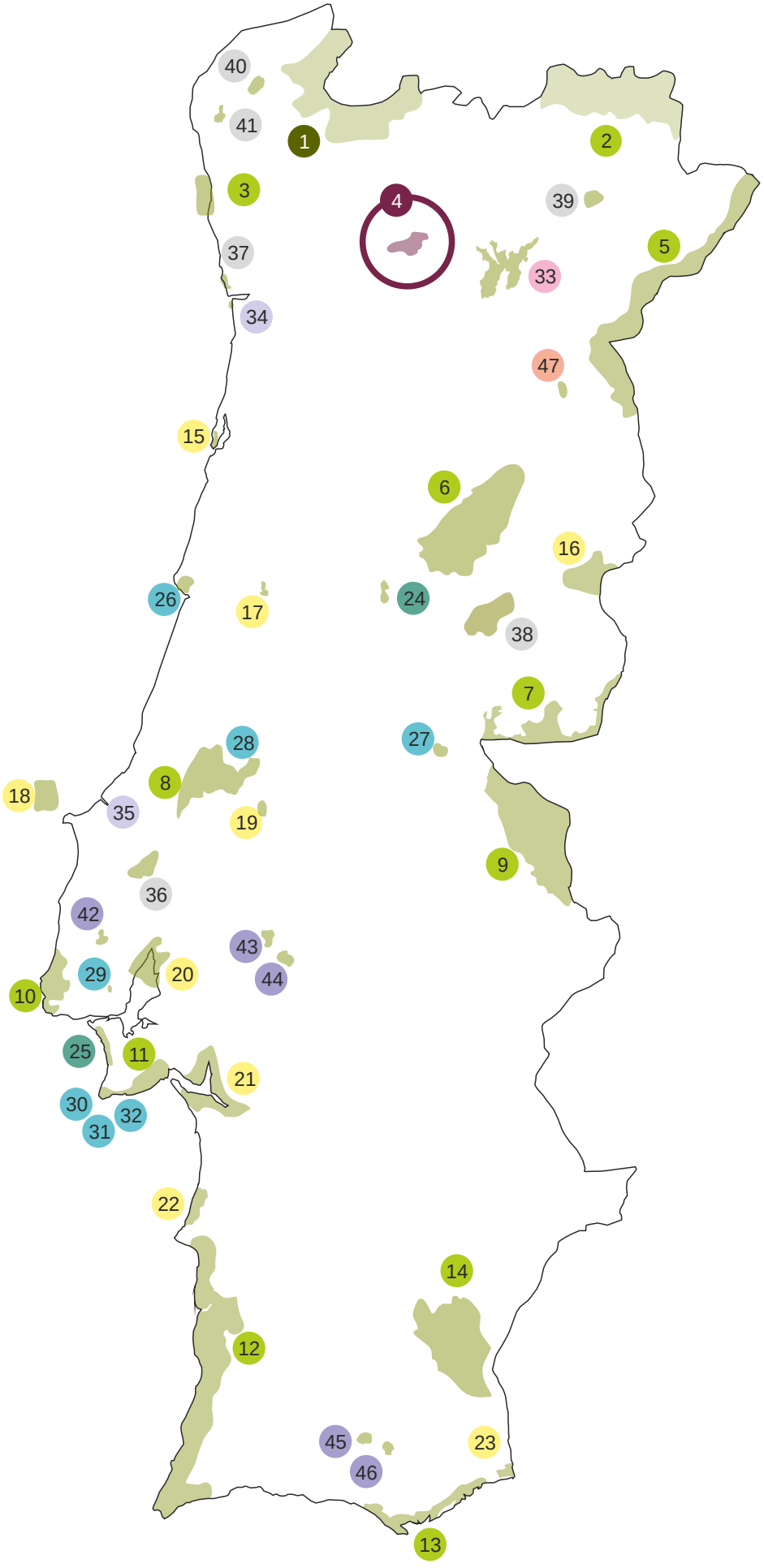
PARQUE NATURAL DO ALVÃO



ICNF
Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas

Rede Nacional de Áreas Protegidas



Parque Nacional

1 Peneda-Gerês

Parque Natural

2 Montesinho
3 Litoral Norte
4 Alvão
5 Douro Internacional
6 Serra da Estrela
7 Tejo Internacional
8 Serras de Aire e Candeeiros
9 Serra de São Mamede
10 Sintra-Cascais
11 Arrábida
12 Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina
13 Ria Formosa
14 Vale do Guadiana

Reserva Natural

15 Dunas de São Jacinto
16 Serra da Malcata
17 Paul de Arzila
18 Berlengas
19 Paul do Boquilobo
20 Estuário do Tejo
21 Estuário do Sado
22 Lagoas de Santo André e da Sancha
23 Sapal de Castro Marim e Vila R.S. A.

Paisagem Protegida

24 Serra do Açor
25 Arriba Fóssil da Costa da Caparica

Monumento Natural

26 Cabo Mondego
27 Portas de Ródão
28 Pegadas de Dinossáurios de Ourém - Torres Novas
29 Carenque
30 Pedra da Mua
31 Lagosteiros
32 Pedreira do Avelino

Parque Natural - Âmbito Regional

33 Vale do Tua

Reserva Natural - Âmbito Local

34 Estuário do Douro
35 Paul de Tornada

Paisagem Protegida - Âmbito Regional

36 Serra de Montejunto
37 Litoral de Vila do Conde e R.O. do Mindelo
38 Serra da Gardunha
39 Albufeira do Azibo
40 Corno de Bico
41 Lagoas de Bertiandos e S. Pedro de Arcos

Paisagem Protegida - Âmbito Local

42 Serras do Socorro e Archeira
43 Açude da Agolada
44 Açude do Monte da Barca
45 Rocha da Pena
46 Fonte Benémola

Área Protegida Privada

47 Faia Brava

O **Parque Natural do Alvão** (PNAl) situa-se na zona de transição entre o Minho e Trás-os-Montes em territórios pertencentes aos concelhos de Mondim de Basto e Vila Real. As Fisgas de Ermelo constituem uma das paisagens geomorfologicamente mais interessantes do Parque.

Classificação ***4***

Caracterização ***5***

Estatutos ***6***

Geologia ***7***

Hidrologia ***8***

Clima ***8***

Habitats ***9***

Flora ***10***

Fauna ***14***

História | Cultura ***16***

Classificação

O Parque Natural do Alvão foi criado pelo Decreto-Lei n.º 237/83, de 8 de junho. No preâmbulo desse diploma legal pode ler-se que o sítio conhecido como Fisgas de Ermelo, situado na serra do Alvão, é sobejamente conhecido na região pelos seus valores naturais únicos ou raros.

A serra do Alvão, paredes meias com o Marão, é uma área com formações xistosas do Silúrico de grande interesse paisagístico e geológico, cujo fulcro é a queda de água do rio Olo, em Fisgas de Ermelo. Aí, onde ocorrem quartzitos do Ordovícico inferior, dispõem-se as bancadas em anticlinal aberto e de eixo inclinado para SW, i.e. para jusante do rio Olo. A sua altitude é de 800 m, descendo em várias cascatas, um desnível de 250 m num percurso de 1500 m.

Cita-se ainda o filão de andaluzite no alto de Cravelas, a zona de Muas, o caos granítico que culmina na catedral granítica de Arnal e a queda de água do moinho de Galegos da Serra.

No rio Olo, rico em trutas *Salmo fario*, pode ainda encontrar-se a lontra *Lutra lutra*.

Em toda esta região a avifauna é abundante e diversificada, incluindo, nomedamente a águia-real, a qual ainda recentemente ali nidificava. Entre os mamíferos estão presentes, entre outros, o javali *Sus scrofa*, o corço *Capreolus capreolus*, o texugo *Meles meles*, a lebre *Lepus granatensis* e o coelho *Oryctolagus cuniculus*. Entre os répteis pode encontrar-se o sardão *Timon lepidus* ou o lagarto-de-água *Lacerta schreiberi* e a víbora cornuda *Vipera latastei.*

A flora e a vegetação são também ricas e diversificadas.

Não menos notável é a arquitetura tradicional de alguns dos seus povoados, sobretudo em Ermelo e Lamas de Olo, com uma arquitetura serrana própria e aspetos sociológicos, artesanais e paisagísticos de grande interesse, sem esquecer Fervença, com a sua zona agrária verdejante e formosa, disposta numa sucessão de socalcos.

Caracterização

O Alvão, maciço essencialmente granítico, culmina no Alto das Cravelas, ponto cimeiro da imponente escarpa rochosa que se precipita sobre os vales do Corgo e do Cabril.

O Parque Natural do Alvão localiza-se no norte de Portugal, no distrito de Vila Real, abrangendo parte do concelho de Vila Real e de Mondim de Basto, perfazendo 7230 ha de área total.

Diante do Alto do Fojo, uma proeminência rochosa domina o anfiteatro rochoso das Fisgas do Ermelo por onde se precipita o rio Olo , que, após escavar um leito muito apertado numa barreira de resistentes quartzitos, se precipita em cascata.

Os carvalhais dominam as zonas mais elevadas, a eles se associando o vidoeiro na proximidade das linhas de água, bem como a aveleira, o azevinho, o castanheiro e o loureiro formando bosques mistos de folhosas, nas zonas mais baixas. Há plantas raras como a rorela *Drosera rotundifolia*, uma espécie carnívora que cresce nos terrenos encharcados e margens dos cursos de água.

Nesta serra de horizontes largos e paisagens de perder o fôlego, pejada de granitos e xistos, foi com pedra que se fizeram as casas e se embelezaram os povoados - Lamas de Olo, Ermelo, Barreiro... Essa mesma pedra sustém os socalcos em Fervença.

Entre as massas rochosas emergem, aqui e além, campos de centeio, de milho e batata, lameiros onde se cria o gado maronês, e baldios em que se apascenta a cabrada.

Estatutos

- Decreto-Lei n.º 237/83, de 8 de junho
  Cria o Parque Natural do Alvão

- Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97, de 28 de agosto.
  Aprova a Lista Nacional de Sítios - 1ª Fase, criando, entre outros, o Sítio de Importância Comunitária (SIC) "Alvão-Marão" [PDF 215 KB] no âmbito da Rede Natura 2000.

- Resolução do Conselho de Ministros nº 62/2008, de 7 de abril
  Aprova o Plano de Ordenamento do Parque Natural do Alvão (POPNAL), e respetivo Regulamento.

Geologia

Geomorfologicamente, o Parque Natural do Alvão é caracterizado por uma zona de altitude (zona de Lamas de Olo) com larga bacia granítica, onde nasce o rio Olo e alguns dos seus afluentes, e uma zona mais baixa, de xisto (zona de Ermelo), onde este rio corre encaixado entre dobras de relevo de certo desenvolvimento.

Zona Alta
Subzonas de:

- Lamas de Olo, Agarez e Arnal - granítico biotítico, pós-tectónico. É uma área onde se observa o chamado granito em bolas, que dá origem a paisagem agreste e caótica (caos granítico). Sob o aspeto morfológico existem contrastes de relevo acentuado, em contraponto com zonas aplanadas (zona da barragem cimeira). Do relevo existente convém assinalar o imponente morro que domina a aldeia de Arnal (catedral granítica); e
- Lamas de Olo - granito de duas micas, sin-tectónico. É uma zona que, embora granítica, contrasta com a anterior, pois as suas formas são menos granulosas e, assim, mais lineares e adoçadas.

Zona Basal
Subzonas de:

- Ermelo, Fervença e Barreiro - área de rochas metamórficas e de vales encaixados, estreitos e profundos (Ermelo e Varzigueto). Para fazerem agricutura, as populações tiveram de fazer terraços; e
- Varzigueto e das Fisgas - filitos e quartzitos. Com uma bancada de quartzitos que se apresenta em anticlinal, aqui existe um desnível (degrau), com cerca de 300 m de altura, onde o rio Olo se precipita, formando as espetaculares quedas de água das Fisgas de Ermelo.

Hidrologia

A rede hidrográfica do Parque é de uma grande diversidade, sendo o rio Olo a sua espinha dorsal. Este rio nasce a 1280 m de altitude, a nordeste do Parque. A sua bacia hidrográfica é constituída por um conjunto de numerosos afluentes e subafluentes com características de pequenos cursos de água, que contribuem para o aumento do caudal do rio Olo, que, por sua vez, irá desaguar ao Tâmega.

A ribeira de Fervença e o rio Sião são os afluentes com maior significado, localizando-se na sua margem esquerda. O rio Sião, apesar de se localizar fora dos limites do Parque, desempenha um papel importante no abastecimento de água à povoação de Ermelo, através do sistema de levadas. A ribeira do Vale Longo é um afluente da margem direita e tem um papel igualmente importante na rede de levadas deste Parque Natural.

Existe ainda a ribeira de Arnal, na zona sul do Parque.

Clima

Em termos gerais, o Parque apresenta um clima temperado atlântico de características mediterrâneas. Insere-se, fundamentalmente, na cabeceira do rio Olo, que corre de nascente para poente em direção ao Tâmega, determinando uma bacia hidrográfica orientada a poente e exposta às influências das massas de ar marítimo que ascendem à cumieira que limita o Parque no seu lado oriental.

Esta situação contribui de forma significativa para os valores de precipitação elevados que se verificam nos meses de inverno. Assim, os invernos são frios e chuvosos, sendo frequente a ocorrência de neve nas terras altas, contrapondo-se aos verões muito secos e quentes.

A variação de altitude existente na área do Parque, conjugada com a morfologia do relevo e a variação do coberto vegetal, propiciam a existência de uma certa diversidade microclimática, com diferenças assinaláveis entre as terras altas e as terras baixas.

Habitats

As espécies animais e vegetais características do Parque Natural do Alvão, são aquelas que estão intimamente ligadas com os condicionalismos de montanha e que a ela se têm adaptado durante a sua evolução.

A existência de habitats propícios e uma intervenção humana pouco significativa, até agora relativamente inócua para o ambiente, criaram as condições favoráveis para a existência de um potencial de biodiversidade elevado, numa Área Protegida de pequenas dimensões.

Habitats naturais segundo o Plano de Ordenamento do Parque Natural do Alvão.

3 Habitats de água doce

32 Águas correntes – troços de cursos de água com dinâmica natural e seminatural (leitos pequenos, médios e grandes), em que a qualidade da água não sofre mudanças significativas

3260 Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da *Ranunculion fluitantis* e da *Callitricho-Batrachion*. Vegetação flutuante de ranúnculos dos cursos de água submontanhosos e de planície.

3290 Cursos de água mediterrânicos intermitentes da *Paspalo-Agrostidion*.

4 Charnecas e matos das zonas temperadas

***4020** Charnecas húmidas atlânticas temperadas de *Erica ciliaris* e *Erica tetralix*

4030 Charnecas secas europeias. Urzais secos no sub-tipo dos urzais Ibero-Atlânticos de Erica-Ulex-Cistus.

4090 Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas

5 Matos esclerófilos

52 Matagais arborescentes mediterrânicos

*** 5230** Matagais arborescentes de *Laurus nobilis*

6 Formações herbáceas naturais e seminaturais

62 Formações herbáceas secas seminaturais e fácies arbustivas

***6220** Subestepes de gramíneas e anuais da *Thero-Brachypodietea*

***6230** Formações herbáceas de *Nardus*, ricas em espécies, em substratos siliciosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental).

64 Pradarias húmidas seminaturais de ervas altas

6420 Pradarias húmidas mediterrânicas de ervas altas da *Molinio-Holoschoenion*

6430 Comunidades de ervas altas higrófilas das orlas basais e dos pisos montano a alpino

7 Turfeiras altas, turfeiras baixas e pântanos

71 Turfeiras ácidas de Sphagnum

***7130** Turfeiras de cobertura(turfeiras ativas)

8 Habitats rochosos e grutas

82 Vertentes rochosas com vegetação casmofítica

8220 Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica

8230 Rochas siliciosas com vegetação pioneira da *Sedo-Scleranthion* ou da *Sedo albi-Veronicion dillenii*

9 Florestas

91 Florestas da Europa temperada

91B0 Freixiais termófilos de *Fraxinus angustifolia*

***91D0** Florestas de bétula com *Sphagnum* em turfeiras (vidoais)

92 Florestas mediterrânicas caducifólias

9230 Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*

93 Florestas esclerófilas mediterrânicas

9330 Florestas de *Quercus suber*

*: indica que se trata de um habitat natural prioritário, habitat natural ameaçado de extinção.

Flora

O Parque Natural do Alvão insere-se muito próximo da zona de transição entre duas regiões fitoclimáticas europeias: a Eurosiberiana; e a Mediterrânica, estando assim influenciado pelo litoral húmido e o interior continental crescentemente mais seco. A este efeito junta-se a componente altitudinal das partes mais altas onde um clima de feição subalpino se faz sentir. Esta mescla é responsável pela diversidade e diferenciação da cobertura vegetal.

Estão inventariadas e referenciadas cerca de 486 espécies de plantas, sendo 25 delas endemismos ibéricos (6,3%), 6 endemismos lusitânicos (1,5%) e 23 possuem estatuto de conservação (5,8%).

A riqueza florística neste Parque Natural é expressa pela presença de diversas espécies de ecologia muito particular, endémicas, raras ou com estatuto de conservação e proteção elevado, tais como a açucena-brava *Paradisea lusitanica*, o cravo-dos-Alpes *Arnica montana*, o satirião-malhado *Dactylorhiza maculata*, o *Teucrium salviastrum*, a *Gentiana pneumonanthe*, a *Arenaria queroides*, a *Luzula sylvestris* subsp.*henriquesii* ou a planta carnívora conhecida como orvalhinha *Drosera rotundifolia*, entre outras.
O carvalhal autóctone insere-se nos carvalhais galaico-portugueses apresentando vestígios das comunidades climáticas da aliança *Quercion robori-pyrenacae*. Pela biodiversidade que encerram, a importância destes bosques, do ponto de vista botânico, é notável.
Nas áreas de maior influência atlântica, abaixo dos 600 m de altitude, e maior acidez de solos domina o carvalho-roble ou alvarinho *Quercus robur*, formando associação com o castanheiro *Castanea sativa*, o pilriteiro *Crataegus monogyna*, o azevinho ou pica-folha *Ilex aquifolium*, o arando *Vaccinium myrtillus*, a gilbardeira *Ruscus aculeatus* e a linária *Linaria triornithophora*.

Nas encostas mais expostas viradas a sul, surgem outras companheiras de ecologia mais termófila (i.e que toleram melhor o calor), mas de influência atlântica como o sobreiro *Quercus suber*, o medronheiro *Arbutus unedo*, o loureiro *Laurus nobilis* ou o lentisco *Phillyrea angustifolia*.
Com o aumento da altitude e da influência continental, a composição dos carvalhais altera-se, surgindo bosques mistos de carvalho-roble ou alvarinho *Quercus robur* e de carvalho-negral *Quercus pyrenaica*. Este carvalho forma novos tipos de associações, consoante a altitude, precipitação, exposição ou qualidade de solos, nomeadamente com erva-molar *Holcus mollis*, arenária *Arenaria montana*, búgula *Ajuga pyramidalis* subsp. *meonantha*, giesta-piorneira *Genista florida*, cerdeira *Prunus avium* ou com *Omphalodes nitida*, violeta *Viola riviniana*, erva-pombinha *Aquilegia vulgaris* subsp*. dichro*a e anémona-dos-bosques *Anemone trifolia* subsp. *albida*. Evidenciando uma forte influência mediterrânica salientam-se bolsas em que *Q. pyrenaica* é acompanhado por tojo-gadanho *Genista falcata*, rosmaninho *Lavandula stoechas* subsp. *pedunculata* e trovisco *Daphne gnidium*, numa situação marginal.

Os vidoeiros *Betula alba* testemunham a época da glaciação da Península Ibérica estando hoje ou representados em associação com os carvalhos ou acantonados em pequenos bosques vestigiais (vidoais), acompanhado por *Saxifraga spathularis*, *Crepis lampsanoides*, *Holcus mollis* e urze-branca *Erica arborea*.
A regressão das comunidades climácicas é bastante evidente, resultando a maior parte das formações arbustivas de etapas diversas da degradação dos carvalhais e vidoais. Assumem, contudo, grande importância para as comunidades rurais e sobretudo para certo tipo de fauna que encontra nela o seu habitat.

Os giestais dominados por giesteira-das-vassouras *Cytisus striatus* e *Genista florida* e com urze-branca *Erica arborea* constituem a primeira etapa de degradação dos carvalhais dos andares supra e mesomediterrânico, colino e montano. Nas orlas (ecótonos) dos carvalhais de maior altitude surgem matorrais dominados por urze-branca *Erica arborea* e *Genista falcata*.
Mais degradados e alterados pela ação humana e em zonas de menor altitude e de forte influência atlântica encontram-se matos de composição e associações diferentes em que se destacam os tojais de tojo-molar *Ulex minor* e tojo-arnal *U. europaeus*, podendo aparecer com alguma expressão a torga *Calluna vulgaris* e matos baixos de urzais, carquejais e sargaçais com queiroga *Erica umbellata*, carqueja *Pterospartum tridentatum* e sargaço *Halimium lasianthum* subsp*. alyssoides*, nas zonas de transição entre as regiões eurosoberiana e a mediterrânica.
Nos matos altos, mas a grande altitude em solos bem drenados, com grande acumulação de matéria orgânica, podemos encontrar urzais de urgueira *Erica australis* e *E. umbellata*. Ainda nestes andares, em zonas de forte influência atlântica em depressões ou fundo de vales com fraca drenagem, surgem urzais higrófilos (i. e. que gostam de água) de urze-peluda *Erica tetralix*, giesteira *Genista micrantha*, *G. anglica*, junco *Juncus squarrosus*, *Luzula campestris* e tojo-molar *Ulex minor*.

Nos cursos de água, bem como nas suas beiradas húmidas adjacentes, levadas de rega tradicionais ou taludes encharcados e ensombrados, desenvolve-se uma associação vegetal típica, i.e. a vegetação ribeirinha ou ripícola, com importante função a nível da estabilização das margens, segurando os solos e evitando a erosão. As espécies que a caracterizam são, entre outras, o amieiro *Alnus glutinosa*, o sanguinho *Frangula alnus*, freixo-de-folha-estreita *Fraxinus angustifolia*, salgueiro *Salix* spp., vidoeiro *Betula alba*, urze-branca *Erica arborea*, feto-real *Osmunda regalis* ou feto-pente *Blechnum spicant*, para além de muitas hepáticas e musgos de enorme beleza.

Os prados de lima abrem-se em extensas clareiras entre os carvalhais oferecendo um quadro paisagístico, biogenético e científico de grande valor pela presença de um conjunto rico e diversificado em espécies, algumas raras e ameaçadas.

A preservação das formas e práticas agrícolas tradicionais, nomeadamente a utilização dos lameiros pelo gado bovino maronês e o corte dos fenos, proporcionam um certo equilíbrio nas sucessões vegetais favorecendo as condições ecológicas para o aparecimento destas e de outras espécies de extrema importância botânica. Torna-se assim importante apoiar estas formas de exploração da terra por parte das comunidades rurais de montanha.

As formações arbóreas são caracterizadas pela presença dos carvalhais galaico-portugueses de carvalho-negral *Quercus pyrenaica* e carvalho-roble *Quercus robur*, vidoais e sobreirais *Quercus suber*. Os matagais são dominados por urzes, carquejas *Pterospartum tridentatum* e sargaços.

Floristicamente, encontramos um conjunto importante de espécies tanto em biótopos, com influência humana, como naturais ou seminaturais, tais como o azevinho *Ilex aquifolium*, o arando *Vaccinium myrtillus*, a *Ajuga pyramidalis* subsp. *meonantha*, a anémona-dos-bosques *Anemone trifolia* subsp. *albida* ou a aquilégia *Aquilegia vulgaris* subsp. *dichroa*.

A intervenção humana neste Parque tem determinado a manutenção e o equilíbrio entre as diferentes formas de vida selvagem. Esta atitude tem contribuído para a diversidade biológica ao serem criadas novas unidades ecológicas (biótopos), campos agrícolas, lameiros, sebes, etc., que se associam aos biótopos naturais.

Fauna

A intervenção humana no Parque Natural do Alvão tem determinado a manutenção e o equilíbrio entre as diferentes formas de vida da fauna selvagem. Esta atitude tem contribuído para a diversidade biológica ao serem criadas novas unidades ecológicas (biótopos), como p. ex. campos agrícolas, lameiros e sebes que se associam aos biótopos naturais.

No Parque estão inventariadas cerca de 200 espécies. Destas, cerca de 117 (58%) estão incluídas no anexo II da Convenção de Berna e 44 (22%) constam da lista de espécies ameaçadas do Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal e 10 (5%) são endemismos ibéricos.

Pela sua importância, em termos de conservação para a área protegida, destaca-se o lobo *Canis lupus*, o morcego-de-bigodes *Myotis mystacinus*, o morcego-de-franja *Myotis nattereri*, o morcego-rabudo *Tadarida teniotis*, a águia-cobreira *Circaetus gallicus*, o falcão-peregrino *Falco peregrinus*, a petinha-ribeirinha *Anthus spinoletta*, o melro-das-rochas *Monticola saxatilis*, o papa-moscas *Ficedula hypoleuca*, a gralha-de-bico-vermelho *Pyrrhocorax pyrrhocorax* e o dom-fafe *Pyrrhula pyrrhula*.

De modo geral, as espécies animais são típicas de determinados locais, estando ligadas mais a um ou a outro biótopo, onde a sua atividade biológica mais se concentra, ou seja o seu habitat.

O meio aquático (cursos de água e suas margens, charcos, zonas alagadiças, pequenos açudes e lagoas) suporta populações diversas de pequenos macroinvertebrados, como as libélulas ou os alfaiates que alimentam toda uma cadeia trófica que aqui se inicia. Entre as diversas espécies de peixes presentes destaca-se a truta-marisca *Salmo trutta*, característica de troços mais torrenciais e mais montanhosos dos rios e ribeiras.

Os anfíbios procuram nos charcos, zonas alagadiças, linhas de água, tanques, poços e locais mais húmidos e umbrosos, a água para se reproduzirem ou humedecerem a sua pele nua. Merecem destaque, pela sua raridade ou abundância, a salamandra-lusitânica *Chioglossa lusitanica*, o tritão-de-ventre-laranja *Triturus boscai*, a rã-ibérica *Rana iberica*, a rã-de-focinho-pontiagudo *Discoglossus galganoi,* o lagarto-de-água *Lacerta schreiberi* e as cobras-de-água *Natrix maura* e *N. natrix*.

Certas aves procuram também as zonas ribeirinhas para seu habitat, como sucede com a galinhola *Scolopax rusticola*, a narceja *Gallinago gallinago*, as alvéolas *Motacila flava* e *M. cinerea* (também conhecidas como lavandeiras, dado estarem associadas a água), o melro-de-água *Cinclus cinclus* e o guarda-rios ou pica-peixe *Alcedo atthis*. A toupeira-de-água *Galemys pyrenaicus*, e a lontra *Lutra lutra* são mamíferos que, também aqui, encontram as frescas e límpidas águas da montanha.

Os carvalhais constituem um biótopo importante para a sobrevivência de muitas espécies, encerrando um potencial em biodiversidade elevado. Também assumem

particular importância os povoamentos florestais de resinosas, os bosques mistos e os antigos olivais abandonados.

Nas aves, a rola *Streptopelia turtur*, a poupa *Upupa epops*, a trepadeira-azul *Sitta europaea* e o pica-pau-verde ou peto-verde *Picus viridis*, podem ser encontrados a procurar pequenos insetos nos velhos carvalhos. O açor *Accipiter gentilis* e o gavião *Accipiter nisus* são aves de rapina típicas deste meio, instalando o seu ninho e caçando na sua orla, assim como as noturnas coruja-do-mato *Strix aluco* e mocho-galego *Athene noctua* que, escondidas no arvoredo, aguardam pacientemente por algum leirão *Eliomys quercinus*, que passe à sua frente. O búteo ou águia-de-asa-redonda *Buteo buteo*, talvez a rapina diurna mais comum em Portugal, o tentilhão-comum *Fringilla coelebs*, a estrelinha-de-cabeça-listada *Regulus ignicapillus* ou a tordeia *Turdus viscivorus*, ocupam tanto os bosques mistos (compostos por espécies de folha caduca e de folha persistente), como as matas de coníferas. Já o cruza-bico *Loxia curvirostra* e o bico-grossudo *Coccothraustes coccothrautes* preferem as matas puras de coníferas ricas em pinhas.

Mais conspícuos e de hábitos muito específicos, certos mamíferos refugiam-se ou procuram o seu alimento neste meio. O corço *Capreolus capreolus*, o gato-bravo *Felis silvestris*, o esquilo *Sciurus vulgaris* e certos mustelídeos como o arminho *Mustela erminea*, a fuinha *Martes foina*, o toirão *Mustela putorius* e a gineta *Genetta genetta* são disso exemplo.

Os matos e matagais são também importantes biótopos onde uma variada fauna procura o seu habitat. Sendo áreas mais abertas oferecem menos refúgio, sendo mais utilizadas por répteis e aves e alguns mamíferos de menor porte. Sempre que um rasgo de sol penetra na atmosfera é imediatamente procurado pelo sardão *Lacerta lepida*, pelas lagartixas *Podarcis bocagei* e *P. hispanica* ou ainda pelas cobra-bordalesa *Coronella girondica* e cobra-rateira *Malpolon monspessulanus*. Nidificando no chão ou nos pequenos arbustos deste biótopo encontram-se o tartaranhão-caçador *Circus pygargus*, o tartaranhão-azulado *Circus cyaneus*, a felosa-do-mato *Sylvia undata*, o cartaxo-preto *Saxicola torquata*, a ferreirinha *Prunella modularis*, o picanço-real *Lanius excubitor* e as petinhas *Anthus spp*..

As escarpas, falésias e encostas declivosas de montanha são bastante utilizadas pela andorinha-das-rochas *Ptyonoprogne rupestris* e pelo andorinhão-preto *Apus apus*, que, em pleno voo, captura os insetos de que se alimenta. Também o peneireiro-comum ou de-dorso-malhado *Falco tinnunculus*, o bufo-real *Bubo bubo*, o melro-azul *Monticola solitarius* e o corvo *Corvus corax* utilizam este biótopo.

A osga-comum *Tarentola mauritanica* instala-se nas fendas dos muros, paredes e nas velhas habitações de xisto nas zonas mais secas. Regista-se a presença de espécies da fauna típicas das serranias do norte interior, incluindo algumas espécies raras, ameaçadas ou únicas.

História | Cultura

Paisagem

O Parque Natural do Alvão caracteriza-se pela sua altitude, oceanidade e mediterraneidade.

O seu clima de montanha oroatlântica é influenciado pelas massas húmidas atlânticas.

A variação altimétrica do Parque, a morfologia do relevo e a variação do coberto vegetal com a altitude, criam condições propícias ao aparecimento de microclimas. Esta diversidade microclimática reflete-se, também, na diversidade das espécies e, consequentemente, na paisagem.

A paisagem do Parque é constituída por ecossistemas de altitude, predominando os agrossistemas associados a pequenos aglomerados. É, pois, uma paisagem fortemente humanizada.

Ao longo dos tempos, as comunidades humanas que aí se fixaram contribuíram para a sua diversidade, de forma equilibrada e em harmonia com os ritmos da natureza, desenhando a Paisagem Cultural. Assim, as principais áreas agrícolas ocorrem associadas aos pequenos aglomerados populacionais.

Em toda a área do Parque predominam os matos baixos e afloramentos rochosos associados às áreas de baldio onde, desde os anos 40 do séc. XX, a floresta de pinheiro tem vindo a marcar presença.

Com menor representatividade e nas periferias dos povoados aparecem áreas florestadas com folhosas (carvalhais) e as áreas de lameiros.

Observa-se ainda a presença de zonas de matos altos, autóctones.

As condições, simultaneamente atlânticas e mediterrânicas do nosso País, resultam no facto de, nesta Área Protegida, predominarem os carvalhos (*Quercus robur* - carvalho-roble ou alvarinho e *Q. pyrenaica* - carvalho-negral), mas onde também é possível encontrar os sobreiros (*Quercus suber*), que também são um carvalho.

Atividades

As atividades humanas existentes na área do Parque Natural assentam, fundamentalmente, no setor agrário. Sendo uma região de montanha, assume lugar de destaque a produção pecuária de que são ex-libris a vaca maronesa e a cabra bravia.

Alimentando-se respetivamente dos lameiros (prados naturais) e das ervas e arbustos que abundam nos baldios (terrenos comunitários), contribuem de forma muito significativa para a formação do rendimento de agricultores e pastores, quer pela força de trabalho que fornecem, quer pelos excelentes vitelos e cabritos que produzem, permitindo igualmente a manutenção da paisagem e da biodiversidade locais.

As aldeias apresentam-se de forma concentrada, sobretudo nas zonas mais montanhosas, existindo junto delas as áreas de agricultura mais produtiva. Campos onde a batata, o milho e o centeio se produzem numa rotação bienal, que permite a conservação e manutenção dos solos e a produção natural e equilibrada de alimentos. Nas zonas mais baixas esta rotação complementa-se com a vinha, o olival e as árvores de fruto, naquilo que se denomina de policultura atlântica. Enquanto o milho e o centeio serviam para fazer o pão, a palha de centeio representou, durante séculos, o recurso utilizado para colmar as casas.

A autosuficiência nestas paragens isoladas passava igualmente pela produção de linho que fazia enxovais e vestia as gentes. Dos baldios, que alimentam as cabras, vêm igualmente os matos (com predominância para as urzes, os tojos e as carquejas) que, servindo de "camas" para o gado, irão produzir o estrume, que dará fertilidade aos campos.

Nas zonas mais húmidas e até alagadas, próximo de levadas e linhas de água, desenvolvem-se os lameiros; pastagens naturais utilizadas pelas vacas maronesas durante cerca de dez meses por ano, de onde só saem para o baldio, para que o feno cresça. Este servirá para a sua alimentação, quando o gelo e as neves invernais não permitirem a sua saída.

A sabedoria humana, desenvolvida ao longo de séculos em terras de climas agrestes e rigorosos, incrementa a rega de lima, que permite lançar de modo permanente sobre o lameiro, uma fina película de água sempre em movimento, evitando assim que os gelos destruam a pastagem e comprometam a produção de erva na época estival.

Mas estas paisagens diversificadas de montanha não ficariam completas sem as bouças e as florestas. Nas primeiras, que são de particulares, encontramos o carvalho-negral *Quercus pyrenaica* e o vidoeiro *Betula alba*, habituados aos rigores do tempo e à altitude, enquanto nas zonas mais baixas e amenas despontam o carvalho-roble ou alvarinho *Quercus robur*, o freixo *Fraxinus angustifolia*, o amieiro *Alnus glutinosa*, o salgueiro *Salix spp* e aveleira-brava *Coryllus avellan*. Representam um recurso dos locais, para lenhas e madeiras de construção.
Nos vales mais encaixados, ensolarados e virados a sul, de forte pendor mediterrânico surgem sobreiros *Quercus suber* e medronheiros *Arbutus unedo*. E um pouco por todo o território as florestas de pinheiros, que são fonte de rendimento comunitário das populações, quer pela venda das madeiras quer pela exploração das resinas.

Etnografia

Fruto da milenar interação das populações humanas sobre o território, neste parque natural existe um património etnográfico, rico e diversificado, associado ao estilo de vida agro-silvo-pastoril da economia de montanha.

O isolamento e árduo trabalho, característicos destas comunidades de montanha, levaram ao desenvolvimento de um conjunto de elementos que marcam e caracterizam o seu património cultural.

Como exemplo das artes tradicionais, mais representativas, temos a cestaria em madeira de castanheiro, os socos (em madeira de amieiro), os artefactos de lã, as cobertas, as passadeiras de farrapo, os chapéus de palha (a partir do centeio) e o linho.

As roupas do povo faziam-se exclusivamente a partir das matérias-primas locais. Do junco faziam-se as croças, os coruchos e as perneiras, peças de vestuário fundamentais para pastores, que assim se protegiam do frio e da chuva nos rigorosos Invernos.

O linho foi, até há algumas décadas, a principal fibra utilizada no vestuário e na roupa de casa. Existia a prática de tecer as toalhas com frases e desenhos ripados em algodão e as célebres colchas Coroa de Rei, tão procuradas como produto artesanal local.

Atualmente, os ofícios tradicionais estão em declínio ou já desapareceram totalmente. Os mais conhecidos eram os ferreiros, almocreves, ferradores, tamanqueiros, carpinteiros, pedreiros, tecedeiras, entre outros.

Património construído

No Parque Natural do Alvão, o património construído é, indiscutivelmente, de elevado valor, quer pela riqueza das suas formas quer pelo seu estado de preservação.

Aqui, onde a mão humana moldou a paisagem, todo o tipo de construções estão estreitamente ligadas aos materiais da região e às necessidades da vida rural. São disso exemplo as habitações, palheiros, espigueiros, capelas, moinhos, azenhas, muros e aquedutos, espalhados um pouco por todo o Parque.

Salientam-se as aldeias de Ermelo, Lamas de Olo e Arnal, onde se pode encontrar, ainda bem conservados, pequenos núcleos representativos das diferentes tipologias de construção do Alvão.

A povoação de Ermelo, com mais de mil anos de existência apresenta inúmeros exemplos de arquitetura rural típica do Alvão. No geral, as casas são ainda de paredes de xisto, à vista, e cobertas com lousa, tudo isto enquadrado no arvoredo e nos campos de cultivo. São dignos ainda de nota, o pelourinho (símbolo de poder municipal, uma

vez que esta povoação já foi sede de concelho), os lagares de vara, a via sacra de cruzes graníticas, os espigueiros, as levadas de água e a igreja que, apesar de algo adulterada no interior, revela ainda a importância de outrora na torre e no adro. Refira-se, como curiosidade, que este povoado teve o seu primeiro foral em 1196.

A povoação de Lamas de Olo conserva ainda casas vetustas tradicionais, com telhados de duas águas, cobertas com colmo, amparado por duas fiadas de granito. Realça-se ainda a existência de alguns canastros longilíneos interessantes e de moinhos, com particular destaque para o moinho da Cruz, não só pela sua localização topográfica invulgar (no topo de colina e não no vale), mas também pelo seu aqueduto pitoresco.

O Caos granítico das Muas / Amal e a aldeia de Arnal são zonas de beleza áspera e serrana que se fica a dever a certo tipo de substrato geológico granítico. No alto da aldeia, junto à penedia, surge a casa recuperada pelo Parque Natural do Alvão, na sua traça tradicional.